

Biblioteca Anarquista



A Nação Armada

Errico Malatesta

Errico Malatesta
A Nação Armada
1902

theanarchistlibrary.org

Traduzido por Paulo Bagre, do escrito “La nazione armata,” *La Rivoluzione Sociale* (London), no. 4 (November 15, 1902), publicado em ‘The Complete Works of Malatesta, Vol. V, The Armed Strike: The Long London Exile of 1900–13’ (2023), editado por Davide Turcato, que nota que “No debate sobre como o exército deveria ser estruturado, debate que acompanhou a história da Itália unificada, a ‘nação armada’ foi o modelo que as forças federalistas e democráticas se opuseram ao do exército permanente ao serviço do soberano. modelo, a educação militar deveria ser estendida a todos os cidadãos e, em vez de passar um longo período de tempo no quartel, o treinamento seria dado a partir da escola e depois através de exercícios de curta duração em intervalos regulares.”

bibliotecaanarquista.org

1902

Aqui está o ideal de que os socialistas e republicanos autoritários se vangloriam... Quando chegam ao ponto de ansiar pela abolição dos exércitos permanentes. E, inicialmente, pareceria aceitável até mesmo para os amantes da liberdade, dado o significado elástico da palavra e as diversas formas como ela pode ser interpretada.

Mas, normalmente, apressam-se a citar o exemplo da Suíça, e isto revela e define o seu pensamento: E induz-nos a rejeitar o sistema da nação armada como ainda mais reacionário, se isso for possível, do que as organizações militares predominantes hoje.

Na prática, nação armada significa que todo mundo é um soldado, todo mundo está a disposição do governo, forçados a seguir com o serviço militar obrigatório durante a maior parte de sua vida.

É o sonho dos reacionários – a militarização de certas categorias de trabalhadores – estendido a toda a população. É emitido um apelo ao dever e, vejam só, os nervos são cortados perante uma greve perigosa ou um motim popular ameaçador: – que melhor arma de repressão poderia um governo desejar?

No sistema de recrutamento regular, um soldado sente a violência que suporta e serve com relutância e, portanto, tem tendência a rebelar-se, e por outro lado a população civil percebe que o exército está organizado para controlá-los e pode oprimi-los impunemente; enquanto que, com a nação armada, todos acreditam que são livres e servem apenas os interesses comuns do povo – e o cidadão-soldado é igual ao eleitor, que acredita que está a ser governado pelas leis que ele próprio fez.

A Suíça é a prova do que dizemos. Em nenhum outro país o governo está tão a salvo de insurreições e pode com tanta tranquilidade atirar nos grevistas; em nenhum outro país os súditos estão tão sinceramente convencidos de serem soberanos e tão dispostos a ficar do lado da polícia.

Mas, dirão-nos, quereis portanto permanecer indefesos, expostos a todas as prevaricações? Certamente não. Tal como hoje é necessário que os revolucionários obtenham os meios materiais para resistir à força armada do governo, também será necessário que o povo esteja equipado com armas de defesa, enquanto houver o perigo de que outros queiram usar a violência com armas contra eles; mas, isto não tem nada em comum com o sistema de organização militar, que é, comumente, chamado de nação armada. Com este último sistema, o governo pode deixar rifles nas casas dos soldados ou mantê-los nos quartéis, e apenas confiá-los aos soldados durante os períodos de serviço efetivo, de acordo com o estado de espírito

do público; mas, com ou sem fuzil em casa, o soldado é sempre um soldado, obrigado a comparecer quando chamado e a lutar pelo propósito pelo qual o governo quer que ele lute.

Em vez disso, queremos que todos sejam livres para portar armas ou não. Não queremos nem um governo que comande, nem uma hierarquia militar que faça cumprir as ordens do governo, nem ninguém, em suma, que tenha o direito de obrigar um cidadão a pegar em armas e a usá-las por uma razão pela qual não esteja disposto a lutar.